

Dezenas de contistas viram Brasília nascer

Reportagem de A. Valle

Não se conhece um só conto — como não se conhece um só poema de alguma categoria literária —, surgido nos três anos de vida febricitante, participada por milhares de pessoas que se concentraram nesta vasta área do Estado de Goiás, durante a construção do arruamento e primeiras edificações previstas no desenho a "crayon" do plano piloto de Lúcio Costa, premiado no concurso de "planos pilotos" realizado no Rio de Janeiro, em 1966. É estranho que se comprove este fenômeno, notadamente conhecendo-se o espírito de exaltação patriótica e entusiasmo esperançoso com que Brasília foi construída, bem como o grande número de pessoas que, aquilando-se pelo grau de instrução presumível, deveriam ter pelo menos interesse literário.

No verdadeiro pandemônio que se seguiu à inauguração da nova capital, quando uma verdadeira multidão, proveniente de todos os Estados, descia e subia permanentemente a Avenida W-3, em busca de relacionamento — encontrando muito mais poeira e grupos apressados de "candangos" que estavam sempre indo e vindo para as inúmeras obras que continuavam "em ritmo de Brasília" —, alguns dos poucos que conseguiam manter a chama viva do entusiasmo do dia 21 de abril eram os ainda então chamados "homens de letras", notadamente os ficcionistas e poetas.

Quem eram eles? Simplificando, podemos enumerá-los: eram os radialistas, chegados em pleno auge da Cidade Livre para "pôr no ar a qualquer custo a Rádio Nacional de Brasília"; os professores, selecionados em memorável concurso público, realizado no Rio de Janeiro e capitais de alguns Estados pelo Ministério da Educação, através de um órgão temporário, criado com este único objetivo e denominado CASEB (Coordenação de Aperfeiçoamento e Seleção para o Ensino em Brasília); parlamentares e funcionários do Congresso Nacional; e uns poucos servidores dos Poderes Executivo e Judiciário. Quanto às suas tendências, podia-se observar facilmente: predominavam os poetas, rareavam os romancistas, entre um número apreciável de contistas e cronistas.

O PRIMEIRO

Um só nome tornou-se conhecido por motivos literários na turbilhonante aglomeração de prédios de madeira que serviu de apoio logístico à construção da nova capital do país: Clemente Luz. Suas crônicas, lidas diariamente pelos excelentes locutores pioneiros, eram talvez o único sinal de arte, numa comunidade inteiramente voltada para os negócios e o futuro. Popularizadas desde a vinda de seu autor de Minas Gerais, onde já eram bastante conhecidos seus contos infantis, as crônicas de Clemente Luz tornaram-se posteriormente matéria para dois volumes, "Invenção da Cidade" e "Mini-Vida", sendo que este último contém pequenos contos.

Entre os locutores da Rádio Nacional estava Rui Carneiro que escrevia e representava peças teatrais de um ato e também teria escrito contos, embora não os tenha publicado e nem versassem sobre os primórdios da vinda do governo federal para o Planalto.

E é bem provável que entre os "fichados" da NOVACAP houvesse alguns autores anônimos, além do então jovem José Marques da Silva, que já preparava seu "Diário de Um Candango" que lhe valeu um segundo lugar, entre os prêmios concedidos pelo Governo do Distrito Federal, durante o Primeiro Encontro Nacional de Escritores, patrocinado pela Fundação Cultural.

CHEGAM OS DEMAIS

A partir de vinte e um de abril de 1960, como seria de esperar, a cidade povoa-se de literatos de todas as categorias. São os funcionários da Câmara dos Deputados e do Senado Federal, do Supremo Tribunal Federal e dos escalões avançados dos Ministérios, além dos próprios ministros e parlamentares. Foram eles precedidos, em mais de um mês pelos professores-escritores, entre os quais destacavam-se Pedro Luiz Masi, Geraldo Costa Alves, Santiago Naud e Lina Del Peloso, todos poetas, sendo os dois primeiros também contistas.

Ambos falecidos em Brasília, onde foram professores pioneiros, Masi e Geraldo deixaram

prontos livros de contos que até hoje não foram publicados, por isto que, nestas quinze anos, nenhuma editora quis lançar seus próprios autores, escolhendo-os entre os escritores residentes em Brasília. As poucas que têm existido, até agora, publicaram do marquês de Sade ao mais fecundo escritor da Academia Brasileira de Letras, de Elisa Lispector ao pior poeta condoreiro contemporâneo. Nenhuma delas fez fé nas possibilidades de lucro, instituindo uma coleção de autores residentes na unidade de federação que apresenta o mais alto índice de crescimento populacional do país.

ESCRITORES—JORNALISTAS

Também em 1960, acompanhando o Congresso Nacional que foi o Poder que trouxe o primeiro grande contingente de pessoas transferidas do Rio de Janeiro para Brasília, vieram os jornalistas especializados em política. Entre eles, dois contistas de nome nacional: Almeida Fischer e Carlos Castelo Branco. Este último dedicado inteiramente ao jornalismo, depois de ter publicado, em Belo Horizonte (apesar de piauiense), um livro de contos que ficou conhecido em todo o país, — "Continhos brasileiros" —, além de um romance, parece não ter escrito sequer um conto depois de sua mudança para o Planalto.

Já Almeida Fischer, depois de vir transferido, como funcionário do IBGE, tem lecionado e exercido o jornalismo e publicado diversos contos, inclusive um livro, além de frequentes comentários sobre livros, publicados regularmente por jornais do Rio, São Paulo, Porto Alegre e outras capitais, bem como os locais, onde mantém coluna especializada e tem dirigido suplementos literários. O livro de contos publicado em Brasília chama-se "Nova Luz ao Longe" que deu seguimento a quatro outros, premiados em vários concursos, inclusive pela Academia Brasileira de Letras.

Também jornalista e cronista radiofônico, tendo chegado a Brasília na mesma época, o contista Ronan Soares tem seus trabalhos mostrados somente aos amigos, num calmo aguardar o surgimento de um editor que descubra os valores brasileiros.

Também com livro de contos pronto há muito tempo, à espera de editor, o excelente poeta Anderson Braga Horta, várias vezes premiado, vem produzindo regularmente desde que aqui chegou, como funcionário da Câmara dos Deputados.

CONTISTAS DE BRASÍLIA

Dois fatos marcaram o ano de 1963 como marcos na vida literária do Distrito Federal: a fundação da Associação Nacional de Escritores e a organização da antologia "Contistas de Brasília" por iniciativa de Almeida Fischer. A ANE resultou de uma reunião de mais de trinta escritores que moravam à época na capital e que elegeram Ciro dos Anjos para a presidência da entidade, após fundá-la, na livraria Dom Bosco, então situada na SQ 108.

A antologia, editada pela "Editora Dom Bosco" e só lançada em 1965, constituiu o primeiro capítulo da História do Conto em Brasília. Incluiu os seguintes trabalhos: "Seu Nestor", de Alphonsus Guimaraens Filho; "O indivíduo", de Aluisio P. Valle; "Os Olhos da Virgem", de Anderson Braga Horta; "Sete Anos de Pastor", de "Anselmo Macieira"; "Pressentimento", de A. Fonseca Pimentel; "Lua na Asa Norte", de Arnaldo Brandão; "Dezembro, e Florian", de Astrid Cabral; "O Filho", de Carlos Castelo Branco; "Morte no Agreste", de Cyro dos Anjos; "A Porta", de Geraldo Lemos Bastos; "Sortilégio", de Joanir de Oliveira; "Réquiem", de João Falcão; "Retorno" de José Augusto Guerra; "Solidão de Santa Brígida", de "A Visão", de Mário Teles; "Os Abutres", de Mauritônio Meira; "O Suicídio", de Pedro Luiz Masi; "Morituri", de Romeu Jobim; "O Fio", de Samuel Rawet; "A Desconhecida", de Yvone Miranda; e "O Rosto", de Almeida Fischer.

É claro que numa simples reportagem são inevitáveis as omissões, contudo, todos os nomes citados constituem a quase totalidade, sendo a totalidade dos contistas que foram pioneiros nos primeiros anos da capital da esperança.